

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO TELEJORNALISMO:
DESAFIOS E TRAJETÓRIAS EM UMA EMISSORA DE TV NA BAHIA**

**BLACK REPRESENTATION IN TELEVISION JOURNALISM:
CHALLENGES AND TRAJECTORIES AT A TV STATION IN BAHIA**

Aline Pinto Luz¹
Alan Robert Anunciação do Carmo²
Júlia Maria Fritsch Centurião³

RESUMO

Quando o racismo estrutural está enraizado na sociedade, esse preconceito muitas vezes passa despercebido, disfarçado sob outras formas. A escassa presença de repórteres negros na Record Bahia reflete esse cenário. Este artigo discute a baixa representatividade de profissionais negros no telejornalismo da emissora, com base em uma reflexão sobre o racismo estrutural e a ausência de diversidade racial no jornalismo brasileiro. A pesquisa utiliza entrevistas com profissionais da área, dados da própria emissora, artigos científicos, literatura e referências da DC Comics. São analisadas as trajetórias da repórter Naiara Oliveira e do repórter Ailton Oliveira, com foco em oportunidades, desafios e estratégias de resistência. O estudo revela que, embora existam exemplos de protagonismo negro, como a atuação de Naiara e a presença atual de Ailton, a emissora segue sem promover mudanças efetivas que ampliem e sustentem essa presença. O artigo evidencia a importância da presença de repórteres negros na mídia.

Palavras-chave: racismo estrutural, Repórter Negro, Record Bahia.

¹ Docente REDE UNIFTC

² Discente UNIFTC

³ Docente REDE UNIFTC

ABSTRACT

When structural racism is deeply rooted in society, this prejudice often goes unnoticed, disguised in other forms. The scarce presence of Black reporters at Record Bahia reflects this scenario. This article discusses the low representation of Black professionals in the broadcaster's news journalism, based on a reflection on structural racism and the lack of racial diversity in Brazilian journalism. The research uses interviews with professionals in the field, data from the broadcaster itself, scientific articles, literature, and references from DC Comics. The trajectories of reporter Naiara Oliveira and reporter Ailton Oliveira are analyzed, focusing on opportunities, challenges, and strategies of resistance. The study reveals that, although there are examples of Black protagonism, such as Naiara's work and Ailton's current presence, the broadcaster continues to fail to promote effective changes that expand and sustain this presence. The article evidences the importance of having Black reporters in the media.

Keywords: structural racism, black reporters, Record Bahia.

INTRODUÇÃO

A representatividade negra no telejornalismo brasileiro reflete os desafios históricos de inclusão racial em diversos setores da sociedade. Apesar dos avanços, a presença de jornalistas negros em posições de destaque ainda é pequena, mostrando que ainda existem barreiras que dificultam o acesso e a permanência desses profissionais nas redações. Trata-se de uma realidade nacional, mas, para este artigo, será analisada especificamente a situação da Record Bahia. Entre os veículos de comunicação presentes no estado, optou-se pela escolha da Record Bahia como objeto de estudo. Na emissora, a baixa quantidade de repórteres negros levanta questionamentos sobre as oportunidades oferecidas, as condições de trabalho e os desafios que esses profissionais enfrentam ao longo de suas carreiras.

Pensando nisso, esta pesquisa qualitativa bibliográfica aborda uma percepção exploratória e busca compreender se a falta de repórteres negros na Record Bahia afeta o interesse de futuras gerações de profissionais que sonham em ser repórteres na emissora, e se a permanência desses profissionais influencia novos jornalistas negros a desejarem fazer parte da Record Bahia. Para isso, a pesquisa tem como foco uma breve trajetória de Naiara Oliveira, ex-repórter da emissora. Além disso, também foram coletadas informações e vivências do repórter Ailton Oliveira, que atualmente integra o time de jornalismo da Record Bahia.

A análise foi realizada a partir de entrevistas com profissionais da área e de um levantamento sobre o racismo estrutural e a falta de diversidade racial no jornalismo. Esta pesquisa busca entender os desafios enfrentados pelos repórteres negros, as formas de resistência adotadas e se a Record Bahia possui políticas de inclusão para esses profissionais.

Neste artigo, serão apresentados os conceitos de racismo estrutural que ajudam a compreender as barreiras enfrentadas por profissionais negros. Em seguida, será discutida a presença do negro no telejornalismo brasileiro, destacando as dificuldades de acesso e permanência nesse meio. A pesquisa também traz dados obtidos junto ao setor de Recursos Humanos da Record Bahia sobre a quantidade de repórteres negros na emissora. Por fim, será feita uma análise sobre a trajetória da ex-repórter Naiara Oliveira e sua experiência dentro da Record Bahia, abordando os desafios enfrentados e as possíveis mudanças ocorridas a partir de sua atuação.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica, com o objetivo de analisar a representatividade de repórteres negros no telejornalismo da Record Bahia. A pesquisa foi desenvolvida em três etapas principais:

Levantamento bibliográfico: Foram consultados livros, artigos acadêmicos e relatórios sobre racismo estrutural, representatividade negra e a presença de profissionais negros no jornalismo brasileiro, buscando fundamentar teoricamente a análise.

Coleta de dados institucionais: Solicitou-se ao setor de Recursos Humanos da Record Bahia informações sobre a composição racial dos repórteres da emissora em 2025, utilizando o critério de autodeclaração e heteroidentificação.

Entrevistas semiestruturadas: Foram realizadas entrevistas com dois profissionais negros que atuam ou atuaram como repórteres na Record Bahia - Naiara Oliveira (ex-repórter) e Ailton Oliveira (repórter em 2025). As entrevistas abordaram experiências profissionais, desafios enfrentados, percepções sobre oportunidades e estratégias de resistência no ambiente de trabalho.

A análise dos dados foi feita por meio da técnica de análise de conteúdo, buscando identificar padrões, recorrências e singularidades nos relatos e nas informações coletadas. O cruzamento entre dados institucionais, entrevistas e literatura permitiu traçar um panorama crítico da representatividade negra na emissora.

O RACISMO ESTRUTURAL DO SÉCULO XXI

O racismo estrutural é uma forma de discriminação que opera de maneira sistemática, impactando diferentes grupos raciais de formas distintas. Suas manifestações podem ser explícitas ou sutis, influenciando desde oportunidades de trabalho até o acesso a direitos básicos. Esse processo não se resume a ações isoladas de indivíduos, mas está enraizado nas instituições e práticas sociais, perpetuando desigualdades ao longo do tempo. Como destaca Almeida (2019), o racismo não se sustenta apenas por atitudes conscientes, mas também por mecanismos inconscientes que reforçam privilégios para alguns e impõem barreiras para outros.

Racismo é, portanto, uma forma de preconceito cruel que ainda atinge uma grande parcela da população mundial. É importante frisar que não existem grandes diferenças genéticas entre pessoas de etnias diferentes^[1], e, mesmo que essa diferença existisse, isso não seria motivo suficiente para justificar o preconceito racial. (Porfírio, 2023)

O racismo estrutural está profundamente enraizado na sociedade, manifestando-se de forma sutil e, muitas vezes, imperceptível. Ele cria barreiras entre negros e brancos sem se apresentar de maneira explícita como excludente. Essa dinâmica se reflete não apenas nas desigualdades sociais evidenciadas por dados estatísticos, mas também em padrões culturais que reforçam a inferiorização da população negra.

Porfírio (2023) comenta que um dos exemplos mais marcantes desse processo é o padrão de beleza imposto pela mídia, que privilegia traços associados à branquitude, como olhos claros, nariz fino e cabelo liso, enquanto características fenotípicas negras, como o cabelo crespo, são frequentemente vistas de forma negativa. Esse mecanismo não ocorre por acaso, mas faz parte de uma estrutura social que perpetua a desvalorização da negritude e mantém privilégios históricos.

O preconceito, como mencionado por Silva (2016), vai muito além do que conseguimos compreender ou do que as pessoas imaginam. Ela destacou em uma entrevista para o programa TV Mulher que essa forma de discriminação atinge todos os aspectos de uma pessoa, interferindo em suas oportunidades, decisões e reconhecimento. Esse conceito reflete, de maneira clara, o racismo estrutural que impacta os negros.

Silva (2022) ressalta em entrevista para o programa “Roda Viva”, que para combater o racismo de forma efetiva, cada indivíduo precisa se valer de suas próprias capacidades, como sua inteligência, sua cultura e os valores que carrega. Ela acredita que a transformação social acontece quando as pessoas se engajam na luta contra o preconceito de acordo com suas possibilidades e recursos, utilizando o que têm de melhor para promover mudanças. A jornalista enfatiza que a ação deve ser pessoal e única, pois, ao integrar essas forças internas, cada um pode contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária. Para Glória, a soma dessas atitudes individuais é fundamental para desconstruir o racismo e transformar a realidade de forma coletiva.

O NEGRO NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO

Segundo os dados do Perfil Racial da Imprensa Brasileira (2021), apenas 20% dos jornalistas que atuam nas redações do país se identificam como negros, somando pretos e pardos. Já os profissionais brancos representam 77,6% do total, enquanto 2,1% se identificam como amarelos e apenas 0,2% como indígenas. Em relação à distribuição geográfica, o Nordeste concentra 39% dos profissionais da comunicação, seguido pelo Norte com 25%, Centro-Oeste com 21%, Sudeste com 20% e o Sul com apenas 5%.

Com essas informações, já é possível perceber o quanto os profissionais negros ainda enfrentam dificuldades para ocupar espaços no telejornalismo. As oportunidades são poucas e, quando surgem, esses jornalistas ainda precisam lidar com ataques racistas, especialmente nas redes sociais. Rodrigues e Lara (2020), escreveram em uma reportagem para o G1 do estado de São Paulo sobre jornalista Maju Coutinho que foi vítima de racismo na internet em 2015. Criminosos publicaram comentários ofensivos com uma foto de Majuno Facebook, demonstrando o preconceito ainda presente na sociedade.

Esse episódio reforça que além da falta de oportunidades nas emissoras, os jornalistas negros que conseguem alcançar visibilidade também enfrentam o ódio e a discriminação de parte do público. Isso mostra que o racismo não está apenas nas estruturas que dificultam o acesso desses profissionais à mídia, mas também no olhar social que insiste em questionar e atacar sua presença nas telas.

De acordo com o artigo da professora e pesquisadora Emerim (2023), que aborda a presença do negro no telejornalismo brasileiro, o racismo estrutural ainda está presente em nossa contemporaneidade. A ausência de profissionais negros como apresentadores de telejornais representa, segundo ela, uma forma de preconceito.

Araújo (2000), no livro *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, destaca como a exclusão racial na mídia ultrapassa o campo do telejornalismo.

Empresários, publicitários e produtores de tevê, como norma, optam pelo grupo racial branco, nos processos de escolha de modelos publicitários, na estética da propaganda e até mesmo nos critérios de patrocínio ou apoio a projetos culturais. É uma constante a negativa de incentivo cultural aos programas de tevê voltados para a população afro-brasileira, normalmente sob a alegação de não haver retorno comercial. O empresário brasileiro, em sua grande maioria, não acredita que o negro seja uma força econômica. Na lógica dessa maioria, preto é igual a pobre, que é igual a consumo de subsistência (ARAÚJO, 2000, p. 38, 39).

Apesar de o livro não tratar diretamente do telejornalismo, ele discute a representação do negro na mídia de forma geral. Assim como na publicidade ou programas de telejornal, o negro continua sendo inviabilizado e muitas vezes não é visto pelo empresário ou dono de emissora como potencia.

Exemplos mais amplos e regionais do estado da Bahia serão abordados no próximo tópico, analisando especificamente a emissora Record Bahia, antiga TV Itapoan, localizada em Salvador. Também será apresentada a vivência do repórter negro Ailton Oliveira dentro da emissora e seu pensamento sobre a importância da representatividade na Record Bahia.

NÃO SOU RACISTA, ATÉ TENHO AMIGOS NEGROS

Neste tópico, será discutida a presença de repórteres negros na Record Bahia, com foco na atual composição da equipe de jornalismo. A Record Bahia, antiga TV Itapoan, é uma das primeiras emissoras de televisão de Salvador, fundada por Assis Chateaubriand em 19 de novembro de 1960, e atualmente pertencente a Edir Macedo Bezerra, SPANNENBERG (2012). Apesar de sua trajetória histórica, a emissora ainda reflete desigualdades raciais na escalação de profissionais para cargos de visibilidade.

Para aprofundar melhor a análise, o jornalista e atual repórter negro da Record Bahia, Ailton Oliveira, foi entrevistado em 2024 para este artigo, contribuindo com reflexões importantes sobre a presença e a permanência de repórteres negros na emissora. Sua fala também destaca como essa presença pode representar um símbolo de identificação para o público negro que acompanha a programação.

Ailton Oliveira tem seis anos de formação, está na emissora da Record há sete anos, mas passou a atuar como repórter em Junho de 2024. O primeiro objetivo de Ailton sempre foi se comunicar para melhorar o mundo ao seu redor. O resultado de seu trabalho sempre foi o que mais importou, porém ele percebeu que, ao aparecer na televisão e ocupar uma posição de protagonismo como repórter, já transmitia uma mensagem positiva para outros negros, especialmente aqueles que acompanham a emissora ou que sonham em seguir carreira no jornalismo.

A representatividade nos espaços de poder e destaque é algo inegociável no mundo de hoje. Ela é essencial na luta por igualdade, não pelo discurso falso de 'a favela venceu', mas porque quando vemos alguém como nós em um lugar que gostaríamos de estar, recebemos um sinal claro de que é possível. (Oliveira, 2024, entrevista via WhatsApp)

Essa declaração de Oliveira, A. (2024) sobre representatividade não está presente apenas na realidade dele ou em outros estudos e artigos científicos, mas pode ser observada em representações midiáticas, como é o caso da animação da DC comics, Super Choque, que apresenta um super-herói negro e de periferia. No episódio "Super Choque vai para a África", o protagonista Virgil Hawkins ou viaja para Gana, no continente africano, e conhece Anansi, outro herói negro inspirado

no folclore africano. Em um dos momentos do episódio, Hawkins (2000) se surpreende e se sente representado ao descobrir que existe outro herói negro como ele. Da mesma forma, Oliveira, A. (2024) enxerga a representatividade negra como um meio de mudança e inspiração para futuras gerações.

Esses exemplos reforçam a importância da presença negra em espaços de destaque, sejam eles reais ou ficcionais, mostrando que a identificação e a representatividade são fundamentais para transformar perspectivas e fortalecer o sentimento de pertencimento. Em contrapartida a Record Bahia que tem Ailton Oliveira como uma representação negra, a emissora peca com a falta de mais representatividade negra para repórteres. Em uma pesquisa realizada para esse artigo com o setor de Recursos Humanos da Record Bahia, em 2025, foi revelado que, atualmente, há apenas um repórter negro (no caso, Ailton Oliveira), cinco repórteres pardo, dez brancos e nenhum indígena ou amarelo. Esses dados evidenciam a desigualdade racial na composição da equipe de jornalismo da emissora, com a predominância de profissionais brancos.

A percepção sobre a importância da presença negra nos meios de comunicação encontra respaldo em estudos teóricos. Almeida (2019) afirma que a representatividade diz respeito à presença de minorias em espaços de poder e prestígio social, como os meios de comunicação. Embora a representatividade não resolva sozinhas, as desigualdades estruturais, ela é fundamental para o combate à discriminação, pois fortalece a luta por igualdade e incentiva novas gerações a ocuparem esses espaços. Dessa maneira, comprova-se que a fala de Ailton Oliveira ultrapassa suas vivências individuais e reflete uma realidade social estudada e documentada.

Para o próximo tópico será analisado uma breve trajetória da repórter Naiara Oliveira, profissional que foi desligada de suas funções no dia sete de abril de 2024, segundo a colunista Pereira (2024) do portal notícias da tv, alguns dias antes de Ailton Oliveira ser promovido a repórter no dia 10 de Junho, sendo noticiado pelo instagram do portal de notícias Jornalista Baiano (2024).

A PASSAGEM DE NAIARA OLIVEIRA NA RECORD BAHIA

A repórter negra Naiara Oliveira foi um dos grandes destaques da Record Bahia por alguns anos. Seu trabalho teve tanta visibilidade que, em 2022, durante

uma programação ao vivo, foi chamada para atuar em São Paulo, na emissora nacional, no programa Cidade Alerta. Segundo Oliveira, N. (2024), sua passagem pelo telejornal na capital paulista foi breve, cerca de quatro meses, pois começou a adoecer em decorrência da carga emocional das pautas, que eram majoritariamente voltadas para crimes. Ela relatou sentir grande desconforto por cobrir esse tipo de conteúdo diariamente. Em 2023, retornou normalmente à programação da Record Bahia, até que, em 2024, foi demitida por ordens da direção de São Paulo. Em entrevista ao portal Notícias da TV, Naiara contou que ficou desesperada, mas compreendia que a demissão estava relacionada à sua saída da emissora em São Paulo e ao retorno para Salvador.

Oliveira, N. (2024) em entrevista ao PodMaix, seis meses antes de sua demissão, respondeu a uma pergunta de um internauta sobre se Luiz Bacci era PodMaix ou PodMenos. Ela respondeu que ele era PodMenos, explicando que ele vivia uma realidade e possuía condições muito diferentes das suas, mas afirmou que a fala não teve tom ofensivo. Após esse episódio, não demorou para que a repórter fosse desligada da emissora, sem receber explicações.

Em entrevista para este artigo, Oliveira, N. (2024) contou que, no início de sua trajetória na emissora, não associava a falta de oportunidades à sua cor da pele. No entanto, com o tempo, percebeu que deixou de receber chances que antes lhe eram oferecidas, e que a única diferença entre ela e outros colegas era justamente a cor da pele.

A verdade é essa: porque a gente demora tanto para chegar nesse local de destaque. O negro demora tanto para chegar ao topo que, quando chegamos, já sofremos tanto. Já passamos por tantas coisas que, tem situações que preferimos nem gastar energia. (Oliveira, 2024, entrevista via WhatsApp)

Oliveira, N. (2024) acredita que sua presença como repórter e suas características negras em posição de protagonismo ajudam a inspirar outras pessoas a ocuparem o mesmo espaço. Ela afirmou ficar feliz ao saber que está sendo fonte de pesquisa para um Trabalho de Conclusão de Curso e se alegra ao ser convidada para entrevistas. Essa sensação de pertencimento e de ser um símbolo de representatividade encontra respaldo na definição proposta por Souza (2021), que aponta a importância não apenas da presença, mas também de sua

potência transformadora. A autora destaca que a representatividade negra precisa ser multidimensional, ou seja, deve ir além do número simbólico e estar ligada à possibilidade real de transformação e identificação coletiva.

Na Record Bahia, a repórter Oliveira, N. (2024) ressaltou ter notado algumas mudanças positivas na emissora. Um exemplo foi durante o Carnaval, quando a Record Bahia tradicionalmente evitava falar sobre o Ilê Aiyê. Naiara comentou que insistiu na importância do primeiro bloco afro do Brasil e conseguiu produzir uma matéria sobre o tema, ainda que com limitações. Para ela, isso foi uma vitória: algo que antes não era abordado passou a ser exibido para os telespectadores graças à sua dedicação.

A história de Oliveira, N. (2024) reforça o que outros estudos já apontam sobre a presença de profissionais negros no telejornalismo. Ao relatar que deixou de receber oportunidades e passou a perceber diferenças no tratamento por conta da cor da pele, Naiara expressa uma vivência que vai além de sua trajetória pessoal: ela representa a experiência de muitos repórteres negros que enfrentam obstáculos invisíveis no ambiente profissional. De acordo com Borges (2012), a ausência de negros como personagens comuns no telejornalismo contribui para a manutenção de estereótipos raciais e limita a representação da diversidade. Esse cenário mostra que, embora avanços existam, o ambiente midiático ainda precisa promover uma representação mais justa e igualitária dos profissionais negros, exatamente como Naiara vivenciou em sua passagem pela Record Bahia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do telejornalismo da Record Bahia permitiu investigar se a ausência de repórteres negros afeta o interesse de futuras gerações de profissionais que desejam fazer parte da emissora, conforme proposto no objetivo deste trabalho. Para isso, foram apresentados conceitos fundamentais, como o racismo estrutural e a presença do negro no telejornalismo brasileiro, além do levantamento de dados sobre o percentual de jornalistas negros atuando nas redações do país.

Ao longo da pesquisa, foi possível observar que, embora existam alguns avanços, a Record Bahia ainda apresenta uma evidente falta de representatividade racial, especialmente no cargo de repórter. A coleta de dados junto ao setor de

Recursos Humanos da emissora, por meio do processo de heteroidentificação, revelou a proporção de profissionais negros e brancos atuando na emissora no ano de 2025, reforçando o cenário de desigualdade.

A trajetória de Naiara Oliveira, ex-repórter da Record Bahia, evidenciou que, quando jornalistas negros ocupam posições de visibilidade, eles contribuem para um jornalismo mais plural e representativo. No entanto, sua demissão sem justificativa demonstra que a permanência desses profissionais ainda é frágil. Já a experiência do atual repórter Ailton Oliveira mostra que a resistência negra no telejornalismo é possível, e que sua presença pode inspirar novas gerações, como foi apontado em suas falas durante a entrevista.

O estudo identificou que a falta de representatividade pode, sim, impactar o interesse de novos profissionais negros em integrar a emissora, e que a presença de jornalistas negros influencia diretamente a percepção de pertencimento e possibilidade de ascensão nesse espaço.

Esse foi apenas um recorte baseado na realidade da Record Bahia. Novos estudos são necessários para investigar se práticas semelhantes de exclusão ocorrem em outros veículos televisivos, rádios ou jornais impressos. Pesquisas futuras podem ampliar o entendimento sobre o impacto da representatividade negra no jornalismo e apontar caminhos mais efetivos para a construção de um ambiente midiático mais diverso.

REFERENCIA

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. p. 67.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: O Negro na Telenovela Brasileira**. Editora Senac, São Paulo, 2000.

BORGES, Roberto; BORGES, Rosane. **MÍDIA E RACISMO**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2012. v. 2.

EMERIM, C.; SILVA, E. de M.. **O negro no telejornalismo: breve estudo sobre a imagem discursiva de Glória Maria, Heraldo Pereira e novos rostos no jornalismo de televisão**. In: Anais do 46 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. PUC/MG. 2023. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2023/ficha.html>

HAWKINS, Virgil. **Super Choque na África**. Direção: Victor Dal Chele. Série Super Choque. Estados Unidos, 2000. Disponível em: <https://animesgames.cc/video/132083-1>. Acesso em: 9 ago. 2025.

JORNALISTA BAIANO. **Ailton Oliveira é o novo repórter da Record Bahia.**

Instagram, 10 jun. 2024. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CdExemploDeLink/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

OLIVA, Gabriela. **Só 20% dos jornalistas são negros nas redações brasileiras:**

Dados do Perfil Racial da Imprensa Brasileira mostram que maioria da categoria é branca: 77,1%. Brasília, 2021. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/brasil/so-20-dos-jornalistas-sao-negros-nas-redacoes-brasileiras/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

OLIVEIRA, Ailton. **Entrevista concedida a Alan Robert.** WhatsApp, 2024

OLIVEIRA, Naiara. **Entrevista concedida a Alan Robert.** Whatsapp, 2024.

PEREIRA, Márcia. **Repórter Naiara Oliveira é demitida da Record, chora e recebe aplausos de colegas:** A jornalista Naiara Oliveira foi demitida pela Record Bahia nesta sexta-feira (7). São Paulo, 2024. Disponível em:

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/reporter-naiara-oliveira-e-demitida-da-record-chora-e-recebe-aplausos-de-colegas-120815>. Acesso em: 27 abr. 202

PORFÍRIO, Francisco. **"O que é racismo?";** Brasil Escola. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-racismo.htm>. Acesso em 09 de março de 2025.

RODRIGUES, Rodrigo; LARA, Wallace. **Justiça condena dois homens por racismo e injúria racial contra a jornalista Maju Coutinho: As penas variam de cinco a seis anos de reclusão em regime semiaberto, mais multa. Outros dois indiciados foram absolvidos por falta de provas.** São Paulo, 2020.

Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/09/tj-de-sp-condena-dois-homens-por-racismo-e-injuria-racial-contr-a-jornalista-maju-coutinho.ghtml>. Acesso em: 26 abr. 2025.

SILVA, Glória Maria Matta da. **Roda Viva** [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=wgkRlelW7l8>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SILVA, Glória Maria Matta da. **TV MULHER.** [S. l.]: VIVA, 2016. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=g2PJJ_F6yEQ. Acesso em: 17 nov. 2024

SOUZA, Olívia. **REPRESENTATIVIDADE IMPORTA?:** Representação, imagens de controle e uma proposta de representatividade a partir das personagens mulheres negras em Malhação: Viva a diferença. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/36631/1/Representatividade%20importa%20%20representa%C3%A7%C3%A3o%20C%20imagens%20de%20controle%20e%20uma%20proposta%20de%20representatividade%20a%20partir%20das%20personagens%20mulheres%20negras%20em%20Malha%C3%A7%C3%A3o%20Viva%20a%20diferen%C3%A7a.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SPANNENBERG, Ana Cristina et al. **Do ceticismo à consolidação: a TV na Bahia: notas sobre a primeira década de televisão em Salvador.** Revista Brasileira de História da Mídia, v. 1, n. 2, p. 1-9, 2012. Disponível em: <https://www.unicentro.br/rbhm/ed02/dossie/03.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2025.